

**DEVISSA EM DEVISSA:
ÍNDICES DE ALFABETISMO
NA SALVADOR DE FINS DE SETECENTOS**

André Luiz Alves Moreno (UFBA)

andremorenoufba@hotmail.com

Tânia Lobo (UFBA)

tanlobo@gmail.com

Uma das vias apontadas por Antônio Houaiss (1985) para a reconstituição histórica do português brasileiro é a que diz respeito à “penetração da língua escrita no Brasil, das origens aos nossos dias”. Sabe-se que, sobre esse aspecto, pouco ou quase nada foi feito. É em meio a isso que emerge o Programa História da Cultura Escrita no Brasil (HISCULTE). Dentre os seus subcampos de investigação, o “campo 1 dedica-se ao estudo da difusão social da escrita na sociedade brasileira, desde as suas origens, no século XVI, aos dias atuais. Para todo o período anterior ao século XIX, a via privilegiada não será a do discurso oficial nem a da história da escolarização, mas a da aplicação crítica do chamado método do cômputo de assinaturas a fontes documentais oriundas de esferas diversas, tais como a esfera religiosa, a jurídica e a administrativa” (LOBO; OLIVEIRA, 2012). Só que, para isso, necessitamos de fontes coesas, seriadas, datadas e localizadas, que nos forneçam subsídios para delinear quantitativamente os níveis de alfabetismo de um contexto social específico. Aqui, valer-nos-emos dos chamados livros de devassas, tipo documental que abrange tanto o âmbito litúrgico, quanto o âmbito jurídico-administrativo da coroa portuguesa. É neles que se fazem presentes os seus registros de assinatura, demarcando aqueles que assinaram, a partir de firmas autógrafas e/ou idiógrafas, ou aqueles que não assinaram, a partir de sinais indicativos que denunciam sua inabilidade alfabética. Buscando estabelecer índices dos níveis de alfabetismo da Salvador de fins de setecentos, relacionaremos a capacidade ou não de assinar dos envolvidos, direta ou indiretamente, nos *Autos da Devassa da Conspiração dos Alfaiates*, com as variáveis sexo, cor, estatuto social, estatuto civil, faixa etária e categoria sócio-ocupacional.